

A PROSÓDIA COMO MARCADOR DISCURSIVO NAS NARRATIVAS DO TEXTO ORAL RELIGIOSO ESPÍRITA

*Rosana Cláudia da Silva*¹

*Maíra Maegava Córdula*²

*Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela*³

¹Mestranda em Lingüística, UNIFRAN-Franca-rosaclarasilva@yahoo.com.br

²Mestranda em Lingüística, UNIFRAN- Franca-mcordula@gmail.com

³Professor-orientador, UNIFRAN-Franca-bollela@yahoo.com

RESUMO: Este trabalho analisa elementos prosódicos da narrativa no texto oral religioso espírita que atuam como organizadores dos turnos conversacionais. Elegemos como *corpus*, um trecho da palestra do orador espírita Divaldo Franco: “Provas Científicas da Existência de Deus”. Embasados nas teorias da Análise da Conversação de Marcuschi (2003) e das acepções sobre prosódia de Cagliari (1992) e Bollela (2006), investigamos como o orador organiza os turnos conversacionais em seus textos, utilizando-se dos recursos supra-segmentais pausa e tom de voz como marcadores conversacionais e organizadores da tomada de turnos visando a persuasão do ouvinte neste evento lingüístico monologado.

PALAVRAS CHAVES: Prosódia, Turnos conversacionais, Persuasão, Texto oral.

INTRODUÇÃO

O texto religioso devido à perda da supremacia da religião católica sofreu mudanças profundas. Por causa da grande proliferação de tendências, o discurso procura continuamente se adequar e adquirir características específicas em cada grupo. O espiritismo vale-se de textos orais e escritos para a propagação das idéias doutrinárias. Interessa-nos os textos orais dos espíritas que comumente recebem o nome de palestras.

O presente trabalho tem como objetivo analisar uma narrativa que é parte da palestra de Divaldo Franco no CD intitulado: “Provas Científicas da Existência de Deus”. Buscaremos descrever como o orador constrói e organiza a conversação em sua narrativa, utilizando-se dos recursos supra-segmentais pausa e tom de voz como marcadores dos turnos conversacionais para sensibilizar e promover a adesão do auditório. Para *corpus* de nossa análise, selecionamos um trecho de 25 minutos da palestra cujo título é “A História da Família Stanford”. O orador em questão, utiliza-se das narrativas em todos os seus textos orais, geralmente ao final, de sua apresentação oral e a escolha por ele como o orador da palestra do nosso *corpus* se deve ao fato de Divaldo Franco ser um dos mais importantes expoentes da doutrina espírita da atualidade.

Nossa problemática é buscar elementos que nos permitam descrever como os elementos prosódicos pausa e tom de voz, utilizados como marcadores conversacionais, em um evento dialógico simulado, são utilizados pelo orador para suscitar no auditório a emotividade e sua conseqüente persuasão.

OBJETIVOS

O objetivo de nosso estudo é analisar os elementos prosódicos pausa e tom de voz, tomados como marcadores conversacionais para a organização dos turnos nas narrativas dentro do texto oral religioso espírita.

METODOLOGIA

Para nossa análise nos valeremos das concepções teóricas da Análise da Conversação com as idéias de [3] sobre a organização e a tomada de turnos. O estudo dos elementos prosódicos se dará sob o enfoque das teorias fonológicas de [2] e [1]. Também lançaremos um olhar sobre essa manifestação discursiva do âmbito da oralidade nos valendo da concepção da Nova retórica [4] nos aspectos que tangem a argumentação.

RESULTADOS

Em uma construção composicional típica de interação face a face, a palestra é um evento dialógico que, em primeiro momento, pode parecer uma situação discursiva espontânea mesclada a discursos institucionais oriundos da doutrina. Há um orador que traz relatos de ordem pessoal e de ensinamentos advindos do estudo da doutrina. E também a transmissão se dá em uma “situação de diálogo” cujo objetivo é convencer o ouvinte a fazer a “reforma íntima”, ou seja, mudar seu comportamento, uma espécie de aconselhamento de um indivíduo a um público. Esse aconselhamento se constrói por meio de argumentos e consoante [4] toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual.

Uma das condições para que ocorra a argumentação é que exista uma linguagem comum que possibilite a comunicação em uma comunidade efetiva dos espíritos. O ato de argumentar requer [4] “apreço

pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental”. É um ato que exige o gosto pela participação do outro em uma situação de diálogo, de interação.

Os meios lingüísticos para a estruturação da palestra, que será por nós tratada por texto oral religioso espírita, não se estabelecem por meio de turnos. A palavra não é passada ao outro em nenhum momento, pois inversões dos papéis entre falante e ouvinte não ocorrem. O orador realiza um monólogo no qual ele simula a conversação e atribui turnos para efetuar a interação na narrativa. Esta se constitui em um simulacro da conversação que [3] define como uma das primeiras formas de linguagem a que estamos exposto e como um gênero básico da interação humana.

O texto oral religioso espírita é um monólogo cujos marcadores conversacionais incidem sobre aspectos prosódicos e não lingüísticos. Estes abrangem tons ascendentes, descendentes, pausas longas. Há mais marcadores paralingüísticos do que lingüísticos. De acordo com [3] “ nos monólogos as pausas longas tem função cognitiva ao operarem como momentos de planejamento verbal ou organização do pensamento”. Há uma abundância de pausas (26 momentos) como vemos na transcrição abaixo:

o pai:::e a mãe:::... levavam-no ... até um rochedo... o pai pegava o barco para ir pescar... a mãe dava adeus com o filho... e a tarde vinham buscar o pescador... todos os dias... até um dia... que o pescador não voltou... e a mãe ficou ali com o filho... Até a manhã seguinte... e ele não voltou... até o cair da tarde... e ele não retornou... até o outro dia... então ela disse meu filho... as sereias do mar roubaram-me teu pai... espera por mim... eu vou buscá-lo... e entrou no mar... e nunca mais voltou... oh Leland... que história triste meu filho... porque tu gostas desta história?... porque aquele menino da praia... se parece muito comigo... contigo?...

Rath (apud [3]) divide as pausas nos seguintes tipos: em pausas sintáticas e pausas não-sintáticas. As sintáticas se subdividem em:

- pausas de ligação que substituem um conector qualquer como “e”, “então”, etc.
- pausas de separação que servem para delimitar ou separar unidades comunicativas e vêm logo após o sinal de fechamento de unidade ou abaixamento de voz.

No texto oral religioso espírita as pausas se propõem a desempenhar esta função. No trecho abaixo, por exemplo, encontramos a ocorrência de dezenove pausas sendo quatro com função de conectores — e, e, pois, e (marcadas em itálico):

“É lá que estão meus irmãos órfãos... mas quando madame chegou a Roma... com seu filho no mês de agosto verão Europeu... as noites longas:::... Leland contraiu uma pandemia... a febre amarela... não havia cura na época... em um hotel de luxo na via Habia antiga... em todo o andar cercado de empregados... o menino começou a delirar na febre e madame ficou apavorada... chamou os melhores médicos da Itália... e eles disseram Senhora... não há cura... a febre amarela é um ciclo... e no término mata... madame não podia aceitar isso... ninguém pode curar meu filho na Europa... talvez ... o médico

da rainha Vitória... mandem buscá-lo... se for necessário tragam a rainha... eu posso comprar a Inglaterra... mas salvem meu filho... uma carruagem saiu de Roma...”

Quanto às pausas não-sintáticas temos:

- de hesitação que podem ser idiossincráticas, preenchidas ou não, ou estarem servindo o planejamento verbal com função de motivar, principalmente no aspecto ligado a cognição),
- de ênfase cujo valor é de serem sinalizadores de pensamento para reforçar ou chamar a atenção.e muitas vezes aparecem entre o artigo e o nome.

Na narrativa apresentada pelo texto oral religioso espírita, a pausa, ou seja, o silêncio em meio a enunciados tem função de segmentar a fala. A falta de sonorização na fala é um elemento de destaque e que contribui, de maneira significativa, para as mudanças dos interlocutores estabelecendo assim a troca da vez de quem fala. Elas atuam como marcadores conversacionais organizadores de turnos de fala dos personagens da narrativa oral, pois são o único indicativo da tomada da palavra pelo outro uma vez que o orador não modifica seu padrão vocal.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados por [1], pudemos verificar que, no *corpus* analisado, uma característica essencial do texto oral religioso é a sua lentidão, um elemento paralingüístico importante na estratégia argumentativa. O silêncio em meio aos enunciados se alia ao tom de voz para promover a adesão do ouvinte.

O orador usa conjuntamente os recursos supra-segmentais pausa e tom de voz para estabelecer a mudança de turno. Nos momentos de grande emotividade como vemos acima há um decréscimo do volume indicando atitude de querer persuadir.

Em nenhum momento o orador recorre à mudança de seu próprio padrão vocal para estabelecer a mudança dos turnos usando tons graves ou agudos. Ele o faz através do uso da prosódia: aumentando ou baixando o volume ou alongando as pausas.

“... então Felício Terra perguntou madame... e aqueles mil dólares... a senhora deu?... não... não eram meus... eram de meu filho... eu mandei fazer uma fundação... para educar qualquer criança órfã... de olhos verdes... em homenagem a meu filho...”

Observamos também que não ocorrem oscilações bruscas no tom de voz, este sendo majoritariamente monocórdico. Há pontos de elevação discretos no tom de voz, mas este se mantém estabilizado durante quase toda a palestra indicando atitude pragmática do orador que busca impressionar o auditório; ao falar baixo, ele reforça o valor do que diz e procura incitar a emotividade.

Nos momentos trágicos da narrativa o orador intensifica a ocorrência das pausas e há um decréscimo do volume no tom de voz indicando sua intenção de persuadir por meio da emoção. Tal fato é notado no trecho abaixo quando ele narra as últimas palavras trocadas entre mãe e filho.

”é um delírio... mamãe... eles estão me chamando... eu já vou mamãe... mas antes de eu ir... meu filho não te vás... madame ajoelhou-se... segurou-lhe as mãos... não te vás mamãe antes de eu ir... eu quero lhe fazer um pedido mamãe... tudo que queiras... mamãe quando eu for... você será... uma mãe que não tem filhos não é?... é meu filho... mas você não irá o médico da rainha chegará daqui a pouco... mamãe... eu quero lhe pedir... que depois que eu me for... e você se tornar uma mãe que não tem filhos... que você se transforme... na mãe dos filhos que não tem mães... você me promete... prometo meu filho... mas não se vá... mamãe os órfãos estão sorrindo... eles cantam... até logo mamãe... a cabeça pendeu... os olhos verdes... ficaram abertos o médico correu... desceu-lhes as pálpebras madame deu um grito... e tombou inanimada...”

A doutrina espírita busca apreender e transmitir o imaterial e a realidade que é filtrada por meio da escrita, mas expressa por meio da fala configurando as alterações contínuas que as vivências humanas exigem em seus processos de comunicação. As pausas e o tom de voz são vitais para que o orador Divaldo Franco emocione o auditório. Uma vez que estes são os únicos elementos empregados para a construção textual em suas narrativas orais.

CONCLUSÃO

O orador representa a tomada de turnos em sua narrativa usando a prosódia. Emergem da tessitura textual pausa e tom de voz. Como elementos de concatenização das idéias do orador e como marcadores da tomada da palavra dentro da narrativa. A organização do texto e sua compreensão se ancoram no uso da prosódia e esta se presta mais ao convencimento do auditório.

O texto oral religioso espírita é um evento monológico da linguagem que se apresenta como um simulacro de uma situação de conversação e para obter êxito recorre a elementos não verbais como recursos argumentativos. Para isso se aproxima da apresentação teatral; no trabalho com a voz; a prosódia opera como um indicador da troca de turno no qual pausa e tom de voz são os marcadores conversacionais eleitos pelo orador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BOLLELA, M. F. F. P. *A prosódia como instrumento de persuasão*. In: NASCIMENTO, E. M. F. S. *et al.* (Orgs.). **Práticas enunciativas em diferentes linguagens**. Franca: UNIFRAN, 2006. (Coleção Mestrado, 1)

[2] CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.

[3] MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

[4] PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.